



Um dos «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

A FAMÍLIA

Os nossos meninos

Os nossos meninos são o centro do carinho. São eles o polo do amor familiar. São o grande elo que une e fortalece a família. É assim em todas as nossas Casas. A Obra da Rua é uma grande família, constituída por muitas famílias. Foi assim que o Pai do Céu dotou Pai Américo, que foi pai na Terra.

Sejam eles o Carlinhos ou Vitinho, Samuel ou Fabiano, Fábio ou Luis Paulo, Luizinho ou Tó Zé; tenham dois ou quatro anos — são sempre os queridos de todos. Tenho encontrado este encanto em todas as nossas Casas.

Neste tempo de férias passei horas maravilhosas a observar quadros de beleza indescritíveis. O mais pequenino de todos ao colo de cada um. Não escolhe. Aceita. Sempre faminto de carinho. Não abusa. A todos os homens e rapazes chama *pai*. A todas as senhoras chama *mãe*.

A caminho da praia vão às cavalitas e à volta vêm do mesmo modo. Todos querem levar os meninos. Mal eles chegam, logo se ouve uma voz: *Montar a barraca que já chegaram os meninos.*

O quadro mais belo é às refeições. No fim, se ainda não comeram tudo, é ver quem lhes dá o resto na boca. O cuidado para pôr e tirar o babeto. O limpar-lhes a boca e as mãos.

São a maior riqueza da família. São a pedra preciosa que todos deviam procurar e adquirir. Há famílias pobres por culpa própria.

Os cachorrinhos

Nunca encontrei tantos cachorrinhos como nos últimos tempos. Os filhos a diminuir e os cães a aumentar. Parece ser da moda cada família ter o seu cãozinho. Coleiras e trelas vistosas. O pêlo muito bem tratado. Que dê nas vistas a toda a gente. Que se alimentem cuidadosamente.

Não somos inimigos dos cães. Em todas as nossas Casas os há. Procuramos que não sejam famintos. Mas não os trocamos por pessoas. O grande cuidado é para os filhos.

Damos conta que há certos ambientes familiares em que os cachorrinhos são mais numerosos que as crianças. «São mais amorosos. Mais fáceis de tratar. Menos ingratos. Deixam-nos mais livres.» Por isso se trocam filhos por cachorros.

Parece-nos ser uma causa para a desunião familiar. Faltam elos de ligação. Faltam correntes de amor. Impera o egoísmo. Invertem-se valores. O amor autêntico está a definhar. E, conseqüentemente, a Família Humana a empobrecer. É pena!

Padre Horácio

Um golpe inesperado nos atingiu

PELA sétima vez desde que assumi a paternidade dos sem-família, rasgamos o véu da Eternidade.

O José Manuel Fonseca partiu sem se despedir de ninguém, numa aventura adolescente: Imaginando voar sobre as rochas e mergulhar na água, foi cair sobre escarpados penedos rente ao mar, rebentando a massa encefálica e morrendo no horrível choque.

Tinha 17 anos e era nosso, com o irmão Hugo, desde 9 de Setembro de 1985.

Abandonado pela mãe desde pequenino, sofrera profundas marcas afectivas que a sua personalidade evidenciava. Naturalmente forte no físico e no psíquico, dominava facilmente os outros,

SETÚBAL

impondo-se, mais pela força que pela consciência recta. Com qualidades de liderança evidentes, foi chefe dos pequenos durante um ano, nos seus 11 e 12 anos.

Criámo-lo com muita dor e amor. Desde Março deste ano que o víamos a amadurecer para a juventude enchendo-nos o coração de esperança.

O golpe tão repentino como inesperado atingiu profundamente os rapazes

mergulhando-os numa consternação fraterna tão visível que me consolava no abismo da desolação envolvente.

A morte do Zé Manel aproximou-nos mais uns dos outros e da Eternidade. Rezamos por ele e, se já estiver em Deus, pedimos que interceda por nós e pelos seus irmãos, para que nos torne cada vez mais fiéis ao plano de Deus a nosso respeito.

O cuidado dos Pobres é testemunho de Fé

O cuidado com os Pobres é indispensável para que a fé religiosa seja cristã. Podemos mesmo afirmar que, sem este carisma, a fé não é cristã.

Jesus afirmou-o mais radicalmente em muitos momentos registados pelos Evangelistas mas, especialmente, ao falar do Juízo Final em Mateus 25/31 - 46.

A experiência também nos confirma que os homens de Fé mais convicta são exactamente aqueles que se doem dos Pobres e dão a sua vida, ou parte dela, por eles; e que os mais interessados com os ritos, o brilho dos discursos, a beleza

Continua na página 3

BENGUELA

A nossa reunião de chefes

ONTEM houve reunião de chefes da nossa Casa. Costumamos fazê-la todas as semanas. Éramos: oito rapazes, um diácono, uma senhora e eu. Parece-me estar aqui uma parte do segredo do bom andamento duma Casa do Gaiato. A nossa vida diária assenta sobre estas colunas. Quando elas estão no seu lugar, o edifício não cai, antes cresce. Gera-se em cada um e no todo um clima de confiança e de alegria verdadeira, porque é fruto da consciência responsável. Uma comunidade anda na medida dos passos dos seus chefes. Por isso temos como muito importante a hora destinada à reunião dos chefes e à sua formação.

O tema da nossa reflexão para aquele momento foi um pedacinho do que Pai Américo escreveu, quando a Obra estava ainda no princípio: «Desejamos dar à Casa do Gaiato a feição de Casa deles, para eles, governada por eles.

Continua na página 4



Este quadro magnífico (recolha da batata em Benguela) contrasta com a atitude dos homens que alimentam os horrores da guerra.

Conferência de Paço de Sousa

PENSIONISTAS — Notícia a três colunas, num matutino: «Dois milhões de portugueses vivem com 880 escudos por dia». Trabalho ilustrado com dois expressivos quadros: «Despesas com as principais prestações da Segurança Social»; «Número de beneficiários e valor médio das pensões». Acentua de início:

«Quase um quarto da população portuguesa vive com um rendimento mensal inferior a 27 mil escudos, pouco mais de metade do salário mínimo nacional. São 2,2 milhões de pensionistas com rendimento médio a rondar 880 escudos por dia. De entre estes, os 454 mil que recebem pensões de sobrevivência (para viuvez e orfandade) vivem ainda pior: menos de 670 escudos; enquanto os 429 mil que têm pensões de invalidez se aproximam dos mil escudos de rendimento diário».

Dados importantes para os visitantes de Pobres — carentes de Justiça Social, implícita na Doutrina Social da Igreja.

A nota vertente comenta o relatório do GAFEEP (Gabinete de Análise do Financiamento do Estado e das Empresas Públicas), recentemente divulgado, que analisa as contas da Segurança Social. «Embora sem grandes novidades — acrescenta a redatora — não traz boas notícias nem para os actuais beneficiários nem para os contribuintes do sistema».

Todavia, os media noticiam, agora, um próximo pequeno aumento no valor das pensões! Não é favor nenhum nem poderá servir de bandeira... O encargo será dos contribuintes.

Somos dum tempo em que a maioria dos cidadãos estava desprovida de segurança social. Que seria hoje dos mais pobres se, ao menos, não usufruíssem estes magros benefícios!?

Enfim, para quem traz sempre na alma e no coração o sofrimento imerecido dos Pobres (seja onde for...), estas achegas contribuem evidentemente para um melhor conhecimento do País real.

PARTILHA — Um cheque da assinante 20174, de Coimbra, «no valor de 15.000\$00 para aplicarem como muito bem entenderem». Sentido cristão!

Mais cinco, do assinante 42971, de Ovar, no mesmo caminho: (...) para entregarem, como melhor entenderem, aos Pobres mais necessitados e em geral mais envergonhados, a cargo da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, por diversas intenções — que Deus sabe». E basta!

Outro cheque. É da assinante 7186, de Aveiro. Traz 2.500\$00 para os nossos Pobres. Intenção: «pela saúde do meu neto, deficiente físico. Mas nunca tem uma queixa! Peço perdão pelo meu egoísmo...» Cristo vai na barca!

A assinante 31104, de Lisboa, fecha a coluna, traz o cheque habitual e «Deus se digne aceitar a minha intenção, de dentro e do mais fundo da minha alma. Que sirva de bênção às dos que tanto amei e Ele entendeu separar de mim, deixando-me numa solidão que tanto sofrimento me tem dado. Não se esqueçam de mim nas vossas orações. O que se pede a Deus para outrem, presumo que tem mais valor». E tem!

Pelas CASAS DO GAIATO

Arruma com o nosso egoísmo. Purifica nossa alma, o nosso coração.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FRUTA — As árvores de fruto estão carregadas de maçãs e peras. Já deram ordem para recolher algumas e já delas comemos à sobremesa.

PISCINA — Aproveitamos ao máximo o tempo de banho na piscina. Não só por causa do calor, mas também para nadar e divertirmo-nos. É onde passamos as horas de recreio e os fins-de-semana.

VISITANTES — Continuamos a receber muitos ao fim-de-semana. A beleza da nossa Aldeia atrai muita gente. A porta está aberta, venham mais vezes.

NOTÍCIAS — O Quim «Carpinteiro», após alguns meses em Moçambique a orientar as obras da futura Casa do Gaiato, regressou à base.

O Júlio Mendes, chefe da Tipografia, foi operado com êxito, graças a Deus. Esperemos que recupere rapidamente para voltar a exercer as suas funções.

VACARIA — Nasceu mais uma vitelinha. Os vaqueiros tratam-na com muita alegria. O «Balão» já disse que, se for ele a baptizá-la, dar-lhe-á o seu nome.

FUTEBOL — Ainda não iniciámos a nossa época desportiva, pois muitos rapazes ainda se encontram em férias. Depois, vamos dar no duro para que tudo corra bem. Para marcação de jogos, escreva para: Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, Paço de Sousa, 4560 Penafiel, ou telefone para o n.º 055-752285.

FÉRIAS — O 2.º turno já regressou há algum tempo, deixando para trás dias para mais tarde recordar. Correu tudo bem, graças a Deus e à tia Jeca. O 3.º já se encontra em Azurara. Alguns lutam pelo bronze e outros divertem-se. Esperemos que tudo corra bem.

«Vitinho»

MIRANDA DO CORVO

PRAIA — As nossas férias já terminaram e todos gostaram. Sentimos falta da companhia dos rapazes do Tojal. Como sempre tivemos muito prazer em emprestar a nossa casa de praia a uma colónia de férias de Anadia.

GADO — Continua em

ordem, como sempre, e o leite tem sido óptimo. Nasceu um vitelo e quinze leitões. Infelizmente um já morreu. Matámos muitos frangos mas ainda falta uns quarenta.

AGRICULTURA — Os nossos rapazes já semearam à volta de dois mil e duzentos pés de couve. Também desponhamos grande parte do milho e acabámos toda batata. Apanhámos imensa cebola e temos boas abóboras.

PISCINA — A piscina já tem motor de renovação de água. Forrámo-la por dentro e os rapazes estão muito contentes.

OBRAS — Na zona da cozinha e da copa têm estado a avançar. Os rapazes andam cansados mas com gosto em ver a sua Casa como nova. Esperamos que assim continue.

Frederico

Notícias de Moçambique

DIA-A-DIA — Passámos uma fase difícil. Um grupo de rapazes não quis caminhar e escolheram outros caminhos. Depois de muitos conselhos e oportunidades foram embora. Afinal a nossa Casa não pode ser escola de ladrões.

Para muitos rapazes custam as normas da casa: estudo e trabalho. É preciso que os nossos educadores tenham muita paciência para nos aturar.

Samuel Noa

ESCOLA — Alguns rapazes ainda não compreenderam que a escola é tão importante como o alimento que consumimos. Tentam de todos os modos enganar os professores. É preciso entender que o país está a precisar de homens bem preparados.

Os alunos da 1.ª classe iniciaram em Fevereiro e em Julho foram aprovados para a 2.ª. Chegaram há pouco tempo, mas mostraram muito interesse pelo estudo.

Virol

RELIGIÃO E CULTURA — No mês de Junho, tivemos muitos baptizados em nossa Casa. Os padrinhos sempre os mesmos, mas o que para nós é importante é a certeza de pertencer à família dos filhos de Deus. Resta agora um grupo dos mais velhos que continuam a sua preparação.

No dia 10 de Julho a Comunidade à nossa volta esteve reunida para agradecer à Cooperação Espanhola os benefícios recebidos. Foi uma grande alegria. Cantos e danças duraram quase todo o dia.

Luis Carlos

OBRAS — Finalmente a nossa Casa toma-se uma realidade. Com a presença do Tio Quim, as obras têm avançado em grande escala. Se não fosse a falta de pessoas capazes e de materiais na hora certa, com certeza estaria mais adiantada. Que a paz seja consolidada, para que muitos que sofrem, possam ter dias melhores.

António Ditone

Cooperativa de Habitação

Ao escrevermos esta pequena crónica, confessamos que é motivada por uma certa revolta interior contra a maldita burocracia dos papéis, talvez melhor dizendo, contra a passividade de certos funcionários.

Não é admissível e muito menos aceitável, que um requerimento para alteração de um loteamento, entregue nos respectivos serviços da Câmara Municipal de Penafiel em 12 de Fevereiro de 1994, não tenha, até esta data, obtido despacho.

Com prejuízo da nossa vida profissional, várias vezes nos deslocámos a Penafiel e a resposta tem sido sempre a mesma: — Ainda não foi despachado. Como é possível serem necessários sete meses para despachar um requerimento? Será que terá de aguardar os nove?!?

Estamos a brincar com coisas sérias. Este segundo projecto da nossa Cooperativa é para vinte e sete habitações, destinadas a outras tantas famílias, algumas das quais a viverem em más condições.

Diariamente lemos e ouvimos que é grave o problema da habitação, muito em especial nas classes mais carenciadas.

É caso para dizer: Meus senhores da Câmara Municipal de Penafiel, muito em especial, senhores responsáveis dos respectivos Pelouros, deixem-nos trabalhar e andar para a frente. Ajudem-nos, em vez de dificultarem o nosso desejo de ajudar os nossos irmãos gaiatos a terem a sua habitação.

Não estamos nesta cruzada com fins lucrativos e por esta razão toda a ajuda que nos derem, será bem vinda.

Carlos Gonçalves

AZURARA

Mais um ano lectivo passado e de novo me encontro em Azurara... Primeiro com os mais pequerruchos: inquietos e traquinas, sempre à espera de um gesto de ternura, dum ouvido que os escutasse, dum coração aberto que os acolhesse...

É bom parar um pouco e conversar com eles... Ajuda-

-me cada vez mais a tomar consciência dos valores que me rodeiam.

Assim, foram passando os dias e lá se vão eles para Paço de Sousa...

Outros vieram. Estes mais crescidos.

A euforia da chegada acompanha-os; andam sorridentes de lado para lado e começa a confusão normal numa família numerosa e com temperamentos diversos.

Neste momento o pensamento de Emerson fortalece-me: «Adopte o ritmo da Natureza: o seu segredo é a paciência.»

Uns mais impertinentes, reguilas, maçadores, outros mais amáveis e atenciosos,

assim completam o templo da nossa vivência repleta de felicidade pois nos ajudam a percorrer o caminho que nos leva a Deus.

Os dias vão passando: banhos, corridas, jogos, barafundas, sustos que nos fazem correr para o hospital e posto médico, onde sempre encontramos disponibilidade, palavras e acções encorajadoras.

Na hora certa, sentimos a presença muito visível do amor de Deus: é um gaiato mais velho que com a sua presença nos fortalece e com seu transporte particular nos leva ao local próprio...

Cada vez é mais sensível a presença de Deus quer na hora da aflição, quer nos momentos de alegria.

Este dar partilhado lembra S. Vicente de Paulo que nos ensinou a abrir os braços e a fechar os olhos.

Termino com estas palavras de Pai Américo: «Ame infinitamente a criança e meça a profundidade do bem que lhe faz, livrando-a do mal da rua. Considere a estupenda irradiação do facto. Multiplique o Amor que se chama Caridade — e basta».

Amar desta maneira nem sempre é fácil, mas há que ter um coração atento e aberto, prudente e compreensivo para acolher estes filhos sentindo a alegria da partilha cheia de Esperança, alimentada pela vontade de amar e fazer amar no segredo do Pai.

Maria Angélica

PASSO A PASSO

Caminhar na Esperança...

Os homens hoje já não esperam. Alcançaram aquilo que pretendem. Cada dia se satisfazem, no prazer. Não existe o amanhã, só o hoje. Não consideram o futuro, a não ser na contabilidade que conduz a mais gozo, hoje.

Por isso, não tem futuro a sociedade destes homens!

Se não há esperança, não há vida. Estão mortos!

O caminhar de uma mãe, é todo cheio de esperança. Esperar para poder contemplar o rosto do fruto do seu seio. Esperar, e preparar tudo para que o encontro tenha futuro...

Assim a nossa vida até nascermos plenamente para Deus. Encontrarmos o rosto d'Aquele que nos criou do lado da Sua vida. Sairmos do seio das sombras para a plena Luz.

Maria, «revestida com o Sol», ajuda-nos a chegar à Luz. Ajuda-nos a quebrar a membrana que ofusca a Luz que a nós quer chegar.

Como dar os primeiros passos sem a ajuda de uma mãe? Como dar passos num ambiente de incompreensão sem o alento da mãe?

Ela está. No silêncio da entrega com a força da Esperança. Atenta a todos os pormenores. Velando por aqueles que lhe foram entregues, até que alcancem a maturidade total.

Cada fruto gerado é um dom. Uma graça de Deus. Mas se falta a mãe, falta a esperança. Os frutos ficam mortos...

Homens do nosso tempo — homens mortos — homens sem mãe.

Mães que matam e defendem o direito de matar. Matam os homens do nosso tempo.

Ou então deixam-nos entregues a si mesmos por causa da sua vida que é morta.

Aparecem de quando em vez, a acenar, querendo aliciar, apagando a esperança que vai nascendo.

Os nossos dias são dias de teoria. Lógicas escolares, certamente intelectuais mas sem vida. O dinamismo da Esperança não brota das células cerebrais. É uma força de vida, que origina vida e não um resultado.

Maria disse: «Como será isso, se eu não conheço homem?» O Anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre Ti...»

O Sopro de Vida produz ventos de Esperança.

Mães com sopro de Vida, precisam-se, para que nasçam homens com esperança!

O Fábio dizia-me com lágrimas nos olhos: «Mais valia não estar na Casa do Gaiato!» Ontem alegre! Hoje, esteve cá a mãe dele que anda por lá...

Padre Júlio

TEMPO de férias. Para a vulgaridade tempo de deixar para trás coisas sérias — até da própria vida... quanto mais da dos outros!

Esta não é uma coluna de vulgaridade: «coluna social» no estilo das publicações especializadas, cheias do vazio de nomes sonantes cujo viver é ruído e aparência. Esta é *Coluna Social*, sim, alimentada pelos que escolhem o silêncio do nome para que as suas vidas sejam mais fecundas na gestação de uma Sociedade mais sã, de um mundo mais justo e pacífico, onde a prosperidade de todos é função directa da suficiência e bem-estar de cada um. Esta é coluna dos felizes que *precisam* da felicidade alheia para temperar a sua. Por isso não fogem ao preço, antes espontaneamente se dispõem a partilha que rouba amargor a outras vidas e torna as suas mais doces.

São muitos, bendito Deus!, os *Filósofos* desta Escola. Eis um:

«Caros irmãos em Cristo.

Cá vai a fatia do subsídio das férias que é o meu contributo para os sem casa, mas que aplicareis como entenderdes.

Gostaria muito mais, de não esperar datas fixas para vos enviar esta pequena contribuição para essa Obra sem par, mas ainda não é possível. Tenho também uma casa por concluir e gostaria de o realizar antes de ser chamado a prestar contas.

Não sei se o consigo, pois minha saúde está algo abalada e afigura-se-me um alarme para ir preparando as malas. Se é esta a vontade do Senhor, tudò bem; primeiro ela e não o meu desejo.»

Este é freguês certo de outra data fixa: a do 13.º

AGORA

mês. Aí aparece com outra *fatia* — confirmação de que não há de onde partir fatias no resto do ano.

Uma Mãe, para quem os desígnios de Deus são soberanos, volta, com mais um cheque em lembrança do filho que Ele levou em plena juventude. Outra Mãe e seu Marido, «no dia do Baptismo do nosso filho queremos juntar-nos a uma Obra que merece todo o amor desta família. Aprendi com meus Pais a respeitá-los. Que Deus me ajude a ensinar aos meus filhos o amor em Cristo de que sois um lindo exemplo». Que Deus nos ajude a merecer este respeito e a corresponder a este amor.

Uma Viúva: «Para a vossa Auto-Construção por alma de meu Marido, a quem devo a possibilidade de partilhar o produto de uma vida inteira de trabalho honesto, incansável e consciente, sempre ao serviço deste País que muito amava e bem soube dignificar. (...) A vida ensinou-me como é bom possuímos a nossa própria casa. Aqui vai uma migalha que ajudará os vossos rapazes na árdua tarefa de construir o seu próprio ninho.»

A Alice, de Gaia, uma vez mais, com muitas lembranças e também grande fatia para os Auto-Construtores. E um velho Amigo, bancário e vicentino, de Luanda. E outro de Lisboa, com quem tive o proveito recente de uma conversa profunda sobre as tristezas que se passam em Angola e Moçambique. E os muito

antigos: C. F. da Amadora e M. L. da Trofa, lembrando também «as fomes em África»; e M. M. do Porto «para a simbólica Casa da Paz» e Pessoal da ex-HI-DOURO com «descontos efectuados a diversos trabalhadores e reformados desta Empresa». E também a «Zé Ninguém».

De Lisboa, ao jeito de um poema:

Ao ler O GAIATO, ficamos perturbados, por verificar: tantas pessoas sem casa digna, tantas crianças abandonadas.

Em Angola e Moçambique tantas crianças desamparadas. Tudo por culpa dos homens: pelo que fazem de mal, ou pelo que não fazem de bem.

Enviamos um cheque de cem mil. Gostaríamos que, retirada a assinatura do querido jornal, o restante fosse dividido em duas partes, uma para auxílio à Auto-Construção, outra para as Casas do Gaiato de Angola e Moçambique.

De Paramos «a minha contribuição proveniente da reforma que agora recebi pela primeira vez».

Do Assinante 23376, «alguns tijolos para ajudar os novos que se abalançam a construir uma casa onde possam criar seus filhos. E agradeço as graças que recolho ao ler e meditar o *Famoso*».

Do Alívio e no depósito do «Espelho da Moda», muitas lembranças que não me atrevo a enumerar. O mesmo de Aveiro. E esta, de lá perto,

de Esmeraldina em várias presenças, e «nesta união do Corpo Místico de Cristo, peço que continuem a sufragar a alma de meu Irmão».

Outra vez Lisboa, Joaquim e Maria Rosa, «gratos pelos vossos testemunhos que nos ajudam nas nossas dificuldades de cada dia». E a Maria Olívia, de Rio Maior. E Vizela: «Ando a fazer uma casa e as despesas foram a muito mais que os meus planos, a pontos que já tive de pedir dinheiro, e bastante, para a acabar. Mas não posso deixar de partilhar com aqueles que ainda precisam de mais do que eu».

A *procissão* de hoje chega ao fim. Fecha-a a soberba eloquência da empregada velhinha de um sacerdote que conheci em encosta sobranceira à Régua, presidindo à Via Sacra na sua Igreja de Medrões. Vão lá quase quarenta anos e ainda se não apagou na minha frágil memória a imagem daquele acto piedoso que nunca experimentei com tal união — como se tivera regressado vinte séculos ao Caminho da Cruz trilhado por Nosso Senhor.

«Estive dez anos com ele, mas desde criança fomos sempre como irmãos. Acompanhei-o ao último momento da sua vida. O ano passado, pelo mês de Junho ou Julho, me dizia: 'Gostava de mandar uma ajuda para uma Casa do Gaiato'. Entretanto o tempo passou, mas fiquei sempre com isto na ideia. Como não me foi possível primeiro, envio-lhe hoje um cheque de quinhentos mil».

Mais do que este dom, quanto nos enriquece a amizade orante deste dois Santos!

Padre Carlos

DOCTRINA



Sede todos de um mesmo coração
S. PEDRO

OS teus olhos inquietos e saudosos deste canto do jornal deram com o sinal da Obra, na semana que findou: um garoto de braços abertos a pedir o teu amor. Doravante fica sendo o símbolo vivo da Obra da Rua, por amor da qual tenho dado passadas sem conta e quero dar muitas mais, ainda que haja de fazer sangue à força de caminhar. Se as cicatrizes que se fazem no mundo por amor da Pátria são a glória de quem nas traz, quanto mais gloriosas não serão as que se fazem por amor de Deus, que é nossa recompensa na Eternidade! Vai também ser colocada esta imagem do garoto sedutor na orla da quinta dos gaiatos que diz para a estrada de Miranda do Corvo à Lousã. Dois cavalheiros estão disputando a oferta dos azulejos e colocação deles no sítio marcado; a abundância das coisas traz-nos, por vezes, sérios e delicados apuros. Todos querem encher a vasilha nesta fonte inexaurível, procurando cada um ser o primeiro a chegar. E não buscam a água que buscava a pecadora da Samaria, senão aquela outra que o Nazareno lhe ofereceu!

TU não sabes de que espírito és; tens o segredo dentro de ti mesmo e não dás fé dele. És de estirpe divina, possues a propriedade de te condoeres; o teu elemento é fazer o Bem — por isso enches aqui! A água das fontes mundanas não mata, causa a sede. Pois como explicas o entusiasmo que levanta o dedo e grita presente, todas as vezes que o padrezito das ruas, um analfabeto, levanta a voz a pedir? Que dizer de tantas cartas recebidas em respostas aos apelos feitos, portadoras de muito maior alegria no dar do que a minha no receber? Qual a razão das boladas de terras distantes, de uma vaca leiteira, de alguns cântaros de azeite, este ano que ele é tão raro e tão precioso? Sim; tu queres matar a sede aqui, pois sabes por experiência que todas as fontes terrenas são charcos de água estagnada.

O. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Setúbal

Continuação da página 1

do estilo, a arte, a cultura, a imagem, olhando para os Pobres sempre com uma mentalidade miserabilista do *coitadinho* a quem se dá uma *esmolinha*, sem nunca arregaçar as mangas para enfrentar a miséria, são pessoas sem peso na evangelização, sem força na palavra e sem testemunho que convença ou arraste — gente de entreter. Daqui a nossa irreprimível convicção de que só com os Pobres se pode levar Jesus Cristo a todos os homens.

Neste Ano Internacional da Família, continuo a pedir às famílias cristãs que se organizem em grupos de 3 a 5 casais e, com seus filhos, adotem uma família degradada para a promover.

A experiência está feita e os resultados à vista. Após muitos fracassos, desaires, incómodos e muita dor, uma família acompanhada vai andando devagarinho, com muitas quedas na vida quotidiana; mas os filhos não se

deterioram tanto e os pais vão entendendo a companhia dos benfeitores, dando pequeninos passos no seu equilíbrio.

Que os párocos, ou os encarregados das celebrações da Fé sejam propagandistas desta iniciativa que vem do Coração de Cristo, hoje padecente em tantos desgraçados.

Que ao menos haja em cada um dos responsáveis tanto empenhamento como se pões nas peregrinações e passeios.

Uma experiência reconfortante

Entre nós uma família evangelizadora resolveu, talvez para viver este ano mais seriamente, dar-nos as suas férias. Foi um dom de Deus. A mãe orientou a vida doméstica: cozinha, limpezas, asseio, roupas, saúde, carinho, conselho e oração. O pai ajudou o chefe, dando aos rapazes um contínuo e permanente testemunho de

serviço; orientou a oração e, na hora do Terço, teve sempre uma palavra de luz e consolo para todos, inspirando-se numa leitura bíblica; brincou com os rapazes na praia e no mar, dando-se fraternalmente sem nunca perder o pé. As três filhas colaboraram em tudo com pequenos e grandes, fazendo uma deliciosa e equilibrada companhia.

Verdadeiramente Deus esteve entre nós em família. Tudo muito simples. Nada de cedências mas também nada de superioridade. Assim eu entendo uma família apostólica.

São nossos catequistas desde que se radicaram em Setúbal, sem cansaço nem desânimo. Responsáveis na Paróquia a que pertencem, como *pau para toda a colher* do apostolado. Animadores de movimentos juvenis.

O alívio que me trouxeram nesta época de tanto cansaço, não se descreve; e a influência benéfica que os rapazes receberam só Deus é capaz de a apreciar na sua fundura humana e sobrenatural.

A experiência de Caridade que a família viveu, tornou-a mais consciente de que Cristo é *Caminho, Verdade e Vida*.

Padre Acílio

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Restos do que foi barracão

O presidente da Junta telefonou a contar a sua aflição e aflição de muita gente da terra. Umhas horas de caminho e fomes. É à beira do rio Tejo.

Num quintal, numas ruínas que já foram barracão da casa, encontrámos a mãe e cinco dos sete filhos pequeninos. O chão térreo era uma montureira de papéis e farrapos e muitas coisas mais. Uma panela velha tinha restos de comida que vizinha lhes tinha dado. Não havia fogaço, nem luz, nem água. Só uma cama de ferro e colchão em cima e mais umas roupas — eram todo o recheio.

A mãe estava sentada na cama e os filhos brincavam no chão.

Só havia uma abertura. Nem

portas, nem janelas. As paredes muito sujas e com grandes buracos. Dum dos buracos, aonde já foi uma porta, vinha um cheiro arrepiante. O telhado caiu e no seu lugar puseram um toldo a cobrir.

Aquela pobre mulher ali vive há muitos anos. Ali tem criado os seus sete filhos. O direito de cada um à privacidade não nos deixou perguntar-lhe se naquele lugar tem gerado os filhos. Raramente se vê assim tanta miséria.

Como solução imediata aconselhámos a construção duma habitação. Disseram-nos que na povoação ninguém vende terreno ou casa para aquela família que é mal comportada. Afinal não percebemos a aflição de quem nos chamou. Trouxemos connosco os três meninos que quiseram vir e trouxemos também a angústia dum povo que não cuida dos seus Pobres.

Uma ilha

Dali fomos parar às margens do Zézere. O pároco aflito chamou por nós. Numa encosta de terra vivem cinco irmãos todas com muitos filhos. Uma, abandonada pelo marido, tem nove. Outra,

viúva, com cinco. Muitas crianças com crianças ao colo. Um ambiente de amor humano.

A mãe delas ainda é viva e tem a seu cuidado um irmão paralisado e outro bastante deficiente mental. Não dá os irmãos ao cuidado de ninguém porque foi a mãe que lhos confiou antes de morrer.

Vivem todos em pequenas barracas. Algumas ocupadas por restos de camas. Só tijolos sobrepostos ou restos de latas e tábuas velhas. Um carroeiro estreado dá acesso a todas.

Receberam-nos com desconfiança mas, por fim acolheram-nos bem. Entrámos em todas as portas que havia e pusemos os olhos em todos os cantos. Animámos a reconstruir as suas habitações. Propusemos-lhes a nossa oferta de todos os materiais. O pároco aceitou bem orientar e acompanhar a obra.

Partimos confiados. Na aldeia aquela família é desprezada pela sua má conduta.

A nossa confiança baseia-se em Deus e no carinho que notámos no ambiente daquela «ilha».

Padre Horácio

MOÇAMBIQUE

Servir os mais pequeninos deste povo sofredor e fazermos-nos sofredores com eles

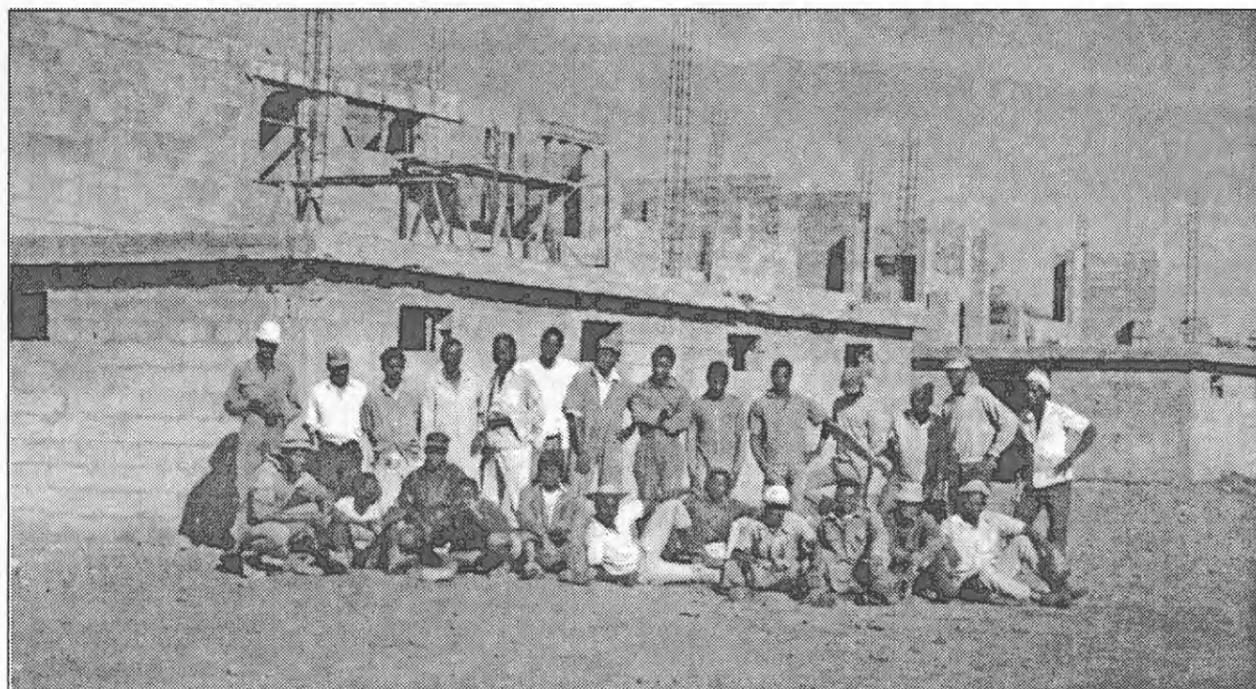
É a primeira vez que saio do meu quarto, em hora de barulho caseiro, para, com sossego, redigir estas notícias.

Faz três anos que chegámos, com outros planos na cabeça mas um só no coração: servir os mais pequeninos deste povo sofredor e fazermos-nos sofredores com eles. Temos conseguido, não como um fim almejado, mas, como diz o salmo: «*Quem semeia em lágrimas, recolhe a cantar.*» Acabámos, por agora, as obras do Centro de Apoio na Massaca, para darmos toda a força nas da Aldeia, que será a Casa do Gaiato.

Veio a senhora Presidente da Cooperação Espanhola, o senhor Embaixador e o Chefe da Cooperação em Moçambique. Foram rece-

bidos por nós na ampla sala de recreio onde, ao domingo, o povo vem para louvarmos juntos o Senhor. Inteiraram-se de tudo: Salas de aula e de professores, salas de formação, posto médico, refeitório, berçário, rouparia; fornecimento de energia eléctrica aqui e nas micro-empresas; ferramentas para várias delas; poços artesianos, viveiro de frutíferas e lenhosas para a população e espécies florestais para a nossa fazenda; construção de latrinas na Massaca e horta comunitária. De tudo gostaram e prometeram todo o apoio para incrementar o que está feito. Não é pouco o que falta: balneário grande, aproveitamento em cisterna das águas das chuvas, visto que os dois poços que aqui temos nos dão água salgada e já se estragaram duas bombas; e ainda, uns pequenos arranjos para funcionamento adequado.

Antes de se retirarem, almoçaram connosco, deixando-nos a consolação



da muita confiança que depositam na validade do nosso trabalho.

Por mais um ano, se Deus nos mantiver no Seu serviço

Vamo-nos remediando por aqui, com o incómodo das

muitas deslocações diárias à fazenda, para aulas e trabalho nas oficinas e por causa das obras. Mais um ano, se Deus nos mantiver no Seu serviço, e o Centro de Apoio da Massaca I fica apto a ser um ponto de referência para o desenvolvimento comunitário deste povo, a quem nos dedicámos na medida das nossas forças.

Temos ainda uma pequena casa com quatro quartos e uma sala onde, à noite, dobramos os joelhos cansados diante do Senhor das nossas vidas. Vemos a necessidade de uma comunidade de Irmãs que aqui queiram gastar-se. Gente da terra, capaz de sujar os pés na lama dos caminhos da aldeia e engolir o pó na

maior parte do ano. Que pela manhã lave os mais pequeninos e cuide da saúde para, depois, os sentar à mesa. Se ocupe com eles durante o dia e lhes proporcione uma infância risonha, já que os pais têm no corpo as marcas da guerra e da fome; e no espírito, a esperança destruída.

Padre José Maria

BENGUELA

Continuação da página 1

É uma concepção de Assistência inteiramente revolucionária que foge à rotina clássica dos agentes de vigilância nas congéneres Obras sociais. O miúdo assim à-vontade, no seu grande elemento, mostra-se e revela-se tal qual é. Não queremos diminuir a sua personalidade, mas sim valorizar.»

E verdade. Ontem mesmo chegou um garoto de cinco anos. Plantado no meio dos outros, nada de anormal deixou transparecer. Nem sequer aconteceu o que costuma acontecer à planta mais viçosa quando é mudada de lugar: murcha. De tal modo chamou a atenção que, hoje de manhã, ao pequeno almoço, um rapaz dizia: — *O Zé António está como se estivesse em sua casa. É uma criança de 5 anos, muito sensível, por natureza, às mudanças nesta idade.*

Consola-nos ver a universalidade dos princípios pedagógicos que Pai Américo descobriu a partir da sua experiência. Dão para todos os continentes, para todas as raças. Onde está a pessoa, aí está o lugar deles. «*Estamos formando, dentro da pequenina comunidade de hoje, os dirigentes de amanhã.*», continua Pai Américo.

Do contacto peculiar com o grupo de chefes, à hora da reunião, a confiança cresce, a esperança é mais certa, o futuro fica

mais perto. Estamos a recomçar e apetece-me dizer já: Como seria possível chegar onde estamos sem o apoio do pequenino grupo? Como seria possível olhar para a frente, confiadamente, se não pudesse pôr minhas mãos sobre os ombros deles? Quem não acredita na força espiritual do rapaz, não consegue andar com ele.

A sociedade é capaz de gerar monstros. Sabemo-lo da história e, mais ainda, das histórias contadas por eles. Estou a lembrar-me concretamente das marcas impressas nos corações daqueles filhos que assistiram à morte violenta dos pais. Procuram agarrar, todos os dias, o amor que lhes roubaram e o carinho que lhes fugiu. Se não o encontram agora, enquanto pequenos; se ninguém lho dá — que vai ser deles? Temo-los aqui connosco. Que missão tão sublime nos foi confiada!

À medida que íamos desenvolvendo o tema escolhido para a nossa reunião, os olhos deles não nos largavam. Era uma palavra nova que levava um chamamento de muita responsabilidade.

O problema da vadiagem infantil

Volta ao de cima o problema da vadiagem infantil. Os responsáveis a nível próximo da governação do País andam

preocupados. Toda a gente que pensa e deseja sinceramente uma Angola reconstruída desde os alicerces, há-de ter em conta esta questão. As iniciativas aparecem, mas não chegam a vingar. Quando se pensa em instalações para acolher, num só lugar, mil crianças, põem-se-me os cabelos em pé. Como?!

Há dias, foi dada a notícia de que algumas empresas de construção estavam dispostas a pôr em pé um edifício (um aproveitamento de instalações já existentes) para acolher crianças da rua. O problema que se punha não era de dinheiro, nem de lugar, mas de quem iria tomar conta das crianças. Esta é a primeira preocupação a ter em conta. Quem vai? Quem está disposto a dar a vida? Não sei, neste momento, em que ponto está esta iniciativa dos construtores de Benguela. Se eles quiserem ajudar-nos a pôr o edifício da nova escola em funcionamento no próximo ano lectivo, estarão a contribuir, de modo eficaz e imediato, para resolver um dos problemas mais graves deste tipo de crianças, o da escolaridade. Vou bater-lhes à porta e, depois, vos darei notícias.

Volto a ver, de novo, muitos garotos, aos montes, pelas ruas da cidade. Houve um tempo em que o número diminuiu. É sinal de que a situação continua muito grave

nesta zona. Como já conhecem a carrinha da Casa do Gaiato, quando a vêem, gritam a chamar por ela. Há uma história muito simples por detrás deste interesse. Um dia, quando andava nas voltas do costume, dei com um magote deles, esfarrapados, sujos, cheios de fome, a pedir esmola pela rua. Quando me viram, chegaram-se a mim com a choradeira do costume. Já não pedem uma esmolinha; dizem logo quanto querem: para cima de dez mil kwanzas. Quando cheguei a Angola era muito dinheiro. Agora, dá para um pão. Como não dou dinheiro na rua, pus-me a conversar um pouquinho com eles, a saber a sua história: verdade de mãos dadas com a mentira, que isto faz parte da cultura vivida na escola da rua. Mandei-os subir, entretanto, para a carrinha e trouxe-os para casa. Era já bastante tarde. Depois de tomarem banho e vestirem roupa lavada, comeram um bom prato de sopa — era o que havia — e foram-se muito contentes, pois tinham ainda alguns restos de família. Passaram palavra a outros e, agora, já depois de muitos dias, não lhes sai da boca o sabor da sopa do Gaiato, nem o cheiro do sabão no corpo e da roupa lavada. Esta é a razão de tamanha simpatia.

Ai que é tão simples pôr estes garotos num caminho de cura! Se não é já, daqui a algum tempo, o remédio terá de ser outro — quem sabe se a cadeia?...

Padre Manuel António

Tribuna de Coimbra

É dia de venda na cidade de Coimbra. Uma cidade que nos liga às raízes de forma privilegiada. Pai Américo aqui encontrou acolhimento e expressão. Tenho pensado na riqueza desde encontro que a venda d'O GAIATO proporciona entre nós e a multidão de amigos que discretamente connosco se encontra, neste espaço humano e fraterno que é O GAIATO.

Na minha passagem ocasional, em dias de venda, tenho contemplado quadros maravilhosos de verdadeiro humanismo. O diálogo afectuoso que estabelecem os pequenos mensageiros com os seus «fregueses» ultrapassa a simples simpatia para se tornar comprometedor e questionante. Este encontro faz assomar necessariamente a consciência de cada um as debilidades sociais do nosso tempo. Uma criança abandonada, explorada, carente — enquanto realidade inegável que nos é oferecida todos os dias — questiona necessariamente qualquer poder organizado.

Há nos encontros com «o gaiato» um desejo de reparação; uma certa vontade de repôr a justiça. E habitualmente são os Pobres; os mais pobres do Povo que se afligem.

Gosto daquele olhar acolhedor que espontaneamente é oferecido ao nosso pequeno mensageiro. A maior parte das vezes, as «freguesas», ficam mais tempo com eles. São mães de família muitas daquelas que se encontram com a dor deste abandono. Marcadas pelo dom da maternidade verdadeira, não podem deixar de chorar intimamente esta desgraça.

A venda d'O GAIATO, complexa em certas situações a exigirem um acompanhamento constante dos rapazes, constitui por si mesma e, apesar de tudo, uma lição de valor alto para eles e de humanismo para os que se encontram com eles. É uma relação fecunda que se estabelece.

Procuramos que os vendedores sejam os melhores, os mais sérios; e quando não assim, como escola que somos, pomo-los à prova para que se experimentem a si mesmos. O rendimento escolar é outro requisito. Gosto de ouvir o que dizem as professoras. Há dimensões que, admito, nos escapam.

Aos Amigos de terras da Beira e de Coimbra saudamos pela amizade que nos une e damos graças a Deus por este belo espaço de encontro humano e espiritual que a todos enriquece.

Padre João

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4540 Panafiel
Tel. (055) 752265 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1299

Tiragem média, por edição, no mês de Agosto: 73.500 exemplares.